

Contribuições do desenvolvimento humano e da educação aos processos de inclusão: percursos e práticas em cotidianos

Volume 3

EDITORA



UnB

Silviane Barbato | Rossana Beraldo
Patrícia Campos-Ramos | Raquel Santana
Diva Maciel | Gabriela Mietto (org.)





Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

Contribuições do desenvolvimento humano e da educação aos processos de inclusão: percursos e práticas em cotidianos

Volume 3

EDITORA



UnB

Silviane Barbato | Rossana Beraldo
Patrícia Campos-Ramos | Raquel Santana
Diva Maciel | Gabriela Mietto (org.)



	Equipe editorial
Coordenação de produção editorial	Marília Carolina de Moraes Florindo
Assistência editorial	Jade Luísa Martins Barbalho Emilly Dias
Preparação e revisão	Ana Alethéa Osório
Diagramação	Wladimir de Andrade Oliveira
	
	Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial 2.0 (CC BY-NC 2.0)
	Editora Universidade de Brasília Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF CEP: 70910-900 (61) 3107-3700 www.editora.unb.br contatoeditora@unb.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UNB)

C764 Contribuições do desenvolvimento humano e da
educação aos processos de inclusão [recurso
eletrônico] : percursos e práticas em cotidianos
/ organizadoras Silviane Barbato ... [et al.]. –
Brasília : Editora Universidade de Brasília,
2025.

v.

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-062-6 (v. 3).

1. Educação inclusiva. 2. Desenvolvimento
humano. 3. Inclusão escolar. I. Barbato, Silviane
(org.).

CDU 376

Sumário

Apresentação . 11

Percursos mediados

Capítulo 1 . 17

Percursos dialógicos no ensinar-aprender de uma professora e uma jovem estudante com Síndrome de Down

Silviane Barbato
Fabiola Ribeiro de Souza
Rossana Beraldo

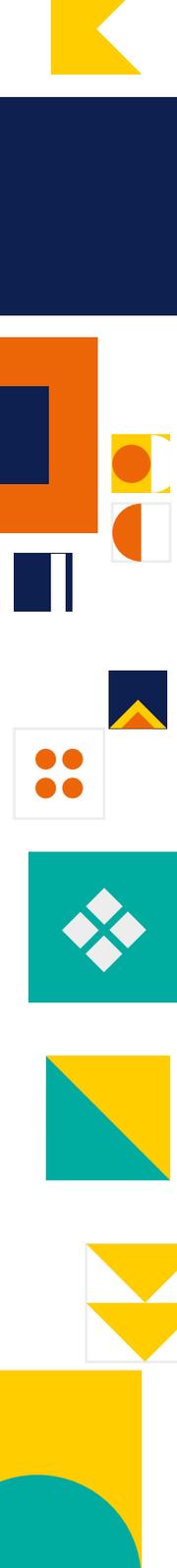
- Estudos sobre Síndrome de Down (SD) . 22
- Narrar e imaginar em novas formas de mediar o conhecer . 25
- A pedagogia dialógica na aplicação de princípios da teoria da atividade . 27
- Comentários conclusivos . 45

Capítulo 2 . 51

O Moodle como instrumento de mediação pedagógica de uma professora com deficiência visual

Débora Machado
Geane de Jesus Silva

- A Educação Inclusiva e a inclusão escolar no Brasil . 53
- A docência de professores com deficiência . 55
- Educação a Distância (EaD) . 57
- O ambiente Moodle . 58
- EaD e acessibilidade de pessoas com deficiência visual . 59
- Caminho de investigação . 61
- Experiências vivenciadas com pessoas que apresentam deficiência: a interação professora-estudante . 63
- Mediação pedagógica em AVA e acessibilidade: interação professora-ambiente virtual . 64
- Mediação pedagógica: interação tutoras-estudantes, interação estudante-estudante e interação professora-tutoras . 66
- Comentários conclusivos . 67



Capítulo 3 . 73

Lousa digital: uma ferramenta para a inclusão

Cristiane Pacheco

Raquel Santana

A lousa digital como recurso na prática pedagógica para a inclusão . 74

Participantes e contexto de pesquisa . 77

Atividades desenvolvidas . 79

Comentários conclusivos . 81

Capítulo 4 . 85

Autismo em tempo de inclusão: percursos do caso Rafael

Emilene Coco dos Santos

Juliana Eugênia Caixeta

Do autismo ao Transtorno do Espectro Autista . 85

TEA e escolarização: da exclusão para a inclusão . 87

Inclusão de estudantes com TEA na escola . 89

Inclusão de crianças com TEA no Ensino Fundamental . 93

Os percursos de Rafael e da equipe pedagógica na Escola Capim Dourado . 98

A chegada de Rafael à escola: momentos iniciais . 98

Ano 1: aprendendo a conviver e ensinar . 99

Ano 2: novos desafios para a inclusão de Rafael . 102

Ano 3: a ação pedagógica com Rafael . 104

Entrelaçando o percurso inclusivo . 107

Comentários conclusivos . 108

Capítulo 5 . 113

Dialogando com o Transtorno do Espectro Autista: um estudo narrativo de caso

Tainá Mani Almeida

Priscila Pires Alves

Lucia Maria de Assis

Uma proposta para o encontro dialógico . 115

Um estudo de possibilidades narrativas: o acompanhamento de Alberto . 118

A abertura para novas possibilidades . 124

Práticas estruturadas

Capítulo 6 . 129

A inclusão de aluno hipoacúsico: um estudo de caso

Marcélia Fiedler Bremer Souza

Celeste Azulay Kelman

Inclusão em educação: conceitos .	130
O que é surdez e hipoacusia? Conceitos e diagnósticos .	131
O papel da família e a educação dos surdos na contemporaneidade .	134
Perspectiva teórico-epistemológica e metodológica .	136
O processo de desenvolvimento de Ricardo: dificuldades e avanços .	138
As intervenções realizadas pela professora regente da turma no processo de ensino aprendizagem e de inclusão .	140
Contexto familiar de Ricardo e percursos .	144
A visão de Ricardo sobre a escola, suas dificuldades e conquistas .	144
Comentários conclusivos .	145

Capítulo 7 . 150

Processos comunicativos de crianças com paralisia cerebral

Ingrid Brandão Lapa

Silviane Barbato

Conhecendo como a criança se comunica .	157
Construindo novidades no jogo dialógico .	162
Idiosincrasias no jogo dialógico com a criança com paralisia cerebral .	165

Capítulo 8 . 170

Criatividade no ensino: percursos de inclusão

Eloisa de Fátima Cunha

Edileusa Borges Porto-Oliveira

Suellen Cristina Rodrigues Kotz

Asdrúbal Borges Formiga Sobrinho

Criatividade .	170
Criatividade e ensino inclusivo .	172
Criatividade e psicopatologias .	174
Apresentação e discussão do caso .	178
Escola .	181
Professora .	183
Ryan .	185
Comentários conclusivos .	188



Capítulo 9 . 193

O circo: uma proposta de ação inclusiva em Educação Física para a Educação Básica

Viviane Cardoso

Juliana Eugênia Caixeta

Educação Infantil, Educação Física e inclusão .	194
Educação Física, o circo e a inclusão .	198
O circo da Escola Colibri .	200
O Projeto Circo .	201
Avaliação do Projeto Circo .	207
Por uma Educação Física Inclusiva na Educação Infantil: análises a partir do Projeto Circo da Escola Colibri .	209
Comentários conclusivos .	214

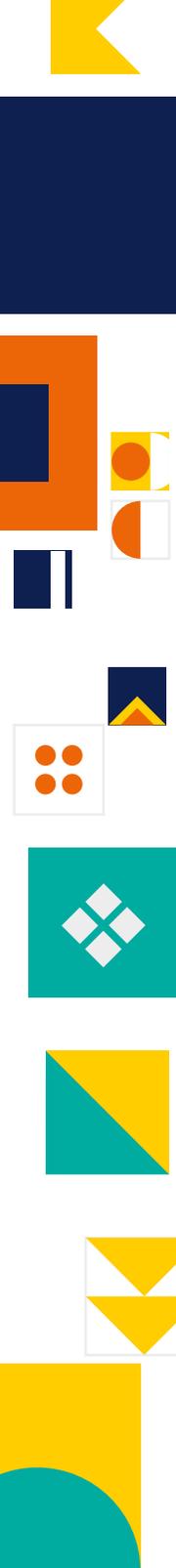
Capítulo 10 . 219

O lúdico e a arte como meios facilitadores no processo de ensino-aprendizagem de alunos com deficiência inseridos na escola regular

Christiane Torloni Torres

Raquel Santana

O lúdico, a arte e a educação nos diferentes processos de aprendizagem humana .	220
A arte na educação escolar .	221
Relações entre a arte e o lúdico .	223
A Educação Especial no caminho da Educação Inclusiva .	224
Fundamentação da metodologia .	225
As inquietações dos professores da escola regular diante da inclusão de alunos com deficiência .	225
As possibilidades da arte no processo de inclusão dos alunos Público-Alvo da Educação Especial (PAEE) na escola regular .	226
O trabalho colaborativo entre Arte e as diferentes áreas do conhecimento como mecanismo de Inclusão Escolar .	228
Uma experiência que tem demonstrado resultados: Arte e Ciências .	229
Comentários conclusivos .	236



Capítulo 11 . 238

A aprendizagem matemática no contexto da sala de recursos: interações e adequações curriculares no processo ensino-aprendizagem

Raimunda Maria de Oliveira
Gabriela Sousa de Melo Mietto

- O conhecimento matemático numa perspectiva sócio-histórica . 244
- Uma experiência em Sala de Recursos – algumas reflexões . 246
- Comentários conclusivos . 250

Percursos e práticas em cotidianos

Capítulo 12 . 256

Questões contemporâneas sobre educação hospitalar para a criança e a família

Kathelem França
Patrícia Campos-Ramos
Fabiana da Silva

- Interfaces da hospitalização na infância . 258
- A inclusão de crianças no atendimento de classe hospitalar: aspectos legais, necessidades educativas e atenção às famílias . 262
- Dois exemplos de atendimento pedagógico a crianças hospitalizadas no DF . 266
- Respostas a algumas questões contemporâneas sobre educação hospitalar . 270

Capítulo 13 . 275

A participação das famílias na inclusão educacional de um aluno com deficiência sem laudo médico/diagnóstico

Tânia Lima
Patrícia Campos-Ramos

- A participação da família nos processos de diagnóstico e inclusão . 276
- Aspectos metodológicos do estudo de caso de um aluno sem laudo/diagnóstico . 280
- Opiniões dos participantes a respeito da importância da família para a inclusão . 282
- Dialogando com a literatura . 286
- Comentários conclusivos . 289

Capítulo 14 . 295

Violência contra crianças e adolescentes com deficiências e suas repercussões na Educação Inclusiva

Neulabihan Mesquita e Silva Montenegro

Gabriela Sousa de Melo Mietto

Definindo as diversas formas de violência .	296
Raízes históricas da infância e a garantia de direitos .	297
Ensino Especial, Educação Inclusiva e Políticas Públicas: principais avanços e sua contribuição para o enfrentamento das violências .	300
Pessoas com deficiências estão mais vulneráveis a violências? .	301
E o papel da escola nesse contexto? .	301
Aspectos metodológicos do estudo .	302
Prevenção e identificação das violências .	303
Sobre as negligências .	304
Violência física .	305
Violência psicológica .	306
Violência sexual .	306
Encaminhamento escolar dos casos de violência aos órgãos de proteção e responsabilização .	307
Comentários conclusivos .	308

Capítulo 15 . 314

Como educar para um mundo nupérrimo

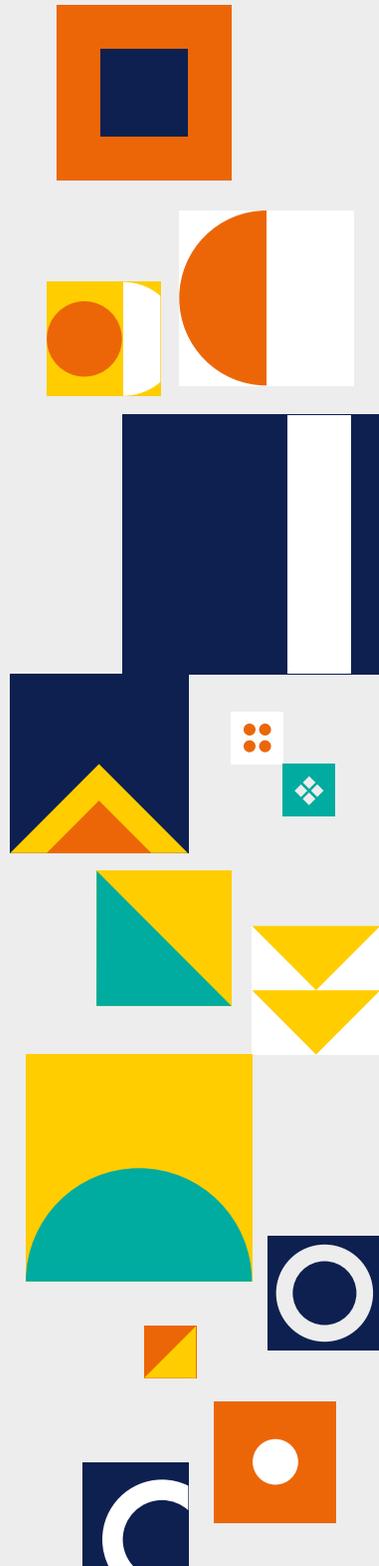
Maria do Amparo de Sousa

Educação, desenvolvimento humano, ética e moral cidadã .	321
Metodologia qualitativa integrando ensino, pesquisa e extensão .	326
Desafios da prática educativa proposta e enfrentamento .	328
Impactos em si da prática pedagógica descrita .	332

Sobre os autores . 343



Práticas
estruturadas



Capítulo 10

O lúdico e a arte como meios facilitadores no processo de ensino-aprendizagem de alunos com deficiência inseridos na escola regular

Christiane Torloni Torres
Raquel Santana

Atualmente, estudos desenvolvidos sobre as práticas pedagógicas voltadas para a inclusão de alunos com deficiência ganham destaque dentro da área educacional. Isso ocorre devido à Resolução Nacional nº 2, de 11 de setembro de 2001, que institui as Diretrizes Nacionais para a educação de alunos que apresentem alguma deficiência, na Educação Básica, em todas as suas etapas e modalidades, cabendo aos sistemas de ensino matricular e assegurar as condições necessárias para uma educação de qualidade, organizando-se para o atendimento e o desenvolvimento de todos, em classes regulares de ensino.

Dentro dessa perspectiva de Educação Inclusiva, este estudo foi desenvolvido com o objetivo de investigar a importância da arte no contexto escolar, como facilitadora no processo de inclusão de alunos com deficiência, como disciplina do núcleo comum e, também, como instrumento pedagógico utilizado ludicamente pelas demais disciplinas na proposta de trabalho colaborativo. A realização desta pesquisa teve como metodologia o estudo qualitativo, utilizando os seguintes instrumentos: análise documental, entrevistas semiestruturadas, questionários, caderno de campo e protocolos de atividades.

O lúdico, a arte e a educação nos diferentes processos de aprendizagem humana

O termo lúdico tem sua origem na palavra latina *ludus*, que quer dizer: jogos infantis, recreação, competição, representações litúrgicas e teatrais, jogos e divertimento. Desde os primórdios dos tempos, o ato de brincar está vinculado ao desenvolvimento social dos indivíduos, por proporcionar o desenvolvimento simbólico, estimular a imaginação, a capacidade de raciocínio e a autoestima. E no processo educativo da escola regular, como o lúdico acontece? Vários são os estudos relacionados ao uso das atividades lúdicas no processo educativo como meio de introduzir conteúdos escolares e habilidades conceituais estabelecidas pelo educador.

Kishimoto (1997) relata que o jogo, desde a Antiguidade Greco-romana, passando pela Idade Média, era visto apenas como atividade de recreação e que, já no período do Renascimento, começou a ganhar *status* de favorecer o desenvolvimento da inteligência e facilitar o estudo, sendo considerado de grande importância na aprendizagem de conteúdos escolares.

Ao analisar uma criança brincando, podemos constatar que esta interage com o jogo/brinquedo, reproduzindo sensações reais do seu cotidiano. Explorando todo o seu imaginário, a criança recria e assimila atitudes do seu meio cultural, aprimorando seu processo de aprendizagem e aquisição de conhecimentos.

O jogo oportuniza o desenvolvimento social e intelectual da criança. Ao brincar a criança vai construindo sua identidade, assimilando regras e conceitos do grupo no qual está inserida socialmente de maneira prazerosa (BARBATO, 2008; CAMPOS-RAMOS, 2015). Na escola as atividades lúdicas contribuirão na aquisição e reelaboração dos conteúdos escolares sem exercícios exaustivos e repetitivos.

A arte na educação escolar

A atividade artística é inerente ao ser humano desde o nascimento; vivemos num mundo repleto de imagens e cabe a cada indivíduo decodificar e interpretar essas imagens apropriando-as para o uso em seu cotidiano social e cultural.

A arte possibilita o processo de aprendizagem dos indivíduos através de trocas e experiências destes com o seu meio cultural e social, uma vez que, ao abordar as linguagens artísticas, o indivíduo estabelece conexões entre passado e presente, numa relação de troca em que o aprendiz também é o mestre. Essas conexões entre passado e presente permitem ao educando reelaborar estruturas mentais e ampliar as possibilidades do futuro. Essa ideia é amplamente defendida por Vigotski, que considera a arte como sendo o social em nós.

A arte é o social em nós. O social não é apenas o coletivo, assim como as raízes e a essência da arte não são individuais [...]. É uma atividade de fundo social na qual o homem se forma e interage com seus semelhantes e seu mundo numa relação intercomplementar de troca [...]. O enfoque estético da arte deve combinar as vivências do ser humano em nível individual com a recepção do produto estético percebido como produto social e cultural (VIGOTSKI, 2001, p. XII).

Para Vigotski (SILVA; RIBEIRO; MIETO, 2010), uma das ideias centrais da sua teoria histórico-cultural sobre o desenvolvimento humano é que somos constituídos a partir das relações com nossos pares, numa determinada cultura e em momento histórico específico, e a arte serve como canal de articulação entre nossos saberes e os saberes culturalmente organizados, em constante fazer e refazer com significados diversos.

No Brasil, o ensino da Arte começou ainda no período do Império, com a chegada da família imperial vinda de Portugal, em 1808. Dom João VI trouxe toda a corte portuguesa para o Brasil e convidou artistas franceses para ensinar arte na colônia. Foi fundada, em 1816, a Academia Imperial

de Belas-Artes do Rio de Janeiro. E a arte oficial do império foi transmitida aos artistas da colônia, ficando os mestres franceses conhecidos como a “Missão Artística Francesa”, inspirada nos modelos de arte neoclássica.

Outras experiências no ensino da Arte aconteceram no país durante os séculos XVIII e XIX: de aulas como as de canto orfeônico e memorização dos hinos pátrios no caso da música; ao surgimento das disciplinas “artes domésticas”, “trabalhos manuais” e “artes industriais”, nas quais meninas eram separadas dos meninos. Em meados da década de 1950, começou a influência da Escola Nova e dos estudos sobre criatividade, direcionando o ensino da arte para a livre expressão do aluno e a valorização do processo criativo.

Em 1971, com a promulgação da Lei nº 5.692, a então Lei de Diretrizes e Bases, foi criado o componente curricular Educação Artística que, na sua concepção, apresentava uma fundamentação de humanidade dentro de uma lei tecnicista, como analisaram Fusari e Ferraz (1993). A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996, estabelece em seu artigo 26, parágrafo 2º que: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diferentes níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Assim, a Arte passa a ser tratada como área de conhecimento articulada na integração de três eixos: fazer artístico, apreciação da obra de arte e contextualização histórica. Estes eixos foram articulados dentro da “Proposta triangular para o ensino da Arte”, criada por Ana Mae Barbosa, e difundida no país por meio de projetos como os do Museu de Arte Contemporâneo de São Paulo e o Projeto Arte na Escola da Fundação Iochpe (BRASIL, 1997). Assim, as manifestações artísticas que transcendem os muros da escola passam a ser abordadas dentro do espaço escolar como uma linguagem que auxilia o homem a desenvolver sentidos e significados que orientem a sua ação no mundo. A educação gira sempre em torno da criação e da criatividade: ao aprender estamos criando um esquema de significados que permite interpretar nossa situação e desenvolver nossa ação numa certa direção (DUARTE JR., 1988).

Intrinsecamente, arte e educação possuem relações concomitantes nos diferentes processos de aprendizagem escolar, social e cultural do ser humano.

Relações entre a arte e o lúdico

Iniciaremos as nossas tessituras entre a arte e o lúdico com a citação de Alves (1990, p. 104):

Arte e brinquedo têm isto em comum, não são meios para fins mais importantes, mas puros horizontes utópicos em que se inspira toda a canseira do trabalho, suspiro da criatura oprimida que desejaria ser transformada em brinquedo e em beleza.

As relações entre a arte e o lúdico permeiam o privilégio de que ambos dão à criatividade e à imaginação. Nas atividades artísticas desempenhamos todas as nossas potencialidades criativas e imaginativas; o mesmo acontece nas atividades lúdicas. Tanto a arte quanto o lúdico possibilitam ao educando estabelecer novas regras, criar novos caminhos e desvelar novas ações.

Corroboram com essa ideia autoras como Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 46), para quem:

A linguagem da arte nos dá a ver o mundo mostrando-o de modo condensado e sintético, através de representações que extrapolam o que é previsível e o que é conhecido. [...] Nessa construção, o artista percebe, relê e repropõe o mundo, a vida e a própria arte [...]. Adquirimos um conhecimento daquilo que ainda não sabíamos e, por isso mesmo, transformamos nossa relação sensível com o mundo e as coisas do mundo.

Na escola, acreditamos que as atividades escolares que privilegiam as linguagens artísticas e o uso da ludicidade como meios facilitadores no processo de aprendizagem dos educandos privilegiaram ações educativas que fortalecem o desenvolvimento social, cultural e intelectual de todos envolvidos no processo.

A Educação Especial no caminho da Educação Inclusiva

No Brasil, os preceitos da Educação Inclusiva foram se desenhando na legislação brasileira ao longo dos anos 1990. Estranhamente, há sinais de que o emprego da expressão Educação Inclusiva venha sido tomado como um substituto da Educação Especial (GLAT; FONTES; PLETSCHE, 2006). Neste sentido, ressaltamos que o termo Educação Inclusiva é entendido como uma área de conhecimento que busca desenvolver teorias, práticas e políticas direcionadas ao atendimento e melhoria da educação de pessoas com deficiência.

Mas a Educação Inclusiva vai além do atendimento de pessoas com deficiência, visa atender toda a diversidade humana, tendo como objetivo garantir acesso, qualidade e permanência de ensino para todos os alunos que até então eram segregados ou excluídos do processo de ensino e aprendizagem, priorizando a pluralidade, em salas de aulas comuns do sistema regular de ensino, de forma a promover a aprendizagem e o desenvolvimento de todos (negros, indígenas, pobres e pessoas com deficiência). É uma abordagem humanística, democrática, que percebe o sujeito e suas singularidades, tendo como objetivos o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos (GLAT, 2007; CRUZ; GLAT, 2014).

O princípio básico desse conceito “é que todos os alunos, independentemente de suas condições socioeconômicas, raciais, culturais ou de desenvolvimento, sejam acolhidos nas escolas regulares, as quais devem se adaptar para atender às suas necessidades [...]” (GLAT, 2007, p. 16).

Diante dessa legislação, propõe-se um grande desafio: garantir o convívio entre todos os membros da nossa sociedade, favorecendo desde cedo o respeito às diferenças e o ideal de igualdade entre todos. Cabe as escolas, juntamente com seus profissionais, oportunizarem práticas pedagógicas que busquem a participação efetiva de todos os seus educandos, tendo como objetivos, neste estudo, desvelar as relações entre arte, educação e o lúdico e suas contribuições no processo de construção do conhecimento dos alunos com algum tipo de deficiência. Além disso, visa:

- Compreender, à luz dos autores, de que forma a atividade lúdica poderá acolher as diferenças na escola.
- Pesquisar possibilidades de vivências prazerosas, alegres e pedagógicas intencionais nas aulas de Arte através do jogo, brincadeira e da ludicidade.
- Elaborar o planejamento educacional, mantendo teoria e prática indissociáveis.
- Criar oficinas de construção de brinquedos, brincadeiras e regras entre todos os alunos.

Fundamentação da metodologia

Este estudo tem uma natureza qualitativa e foi desenvolvido por meio de pesquisa de campo, para investigar a problemática apontada. Participaram deste estudo 16 professores e sete alunos de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II (turma com 30 alunos). Os instrumentos utilizados foram pesquisa documental e bibliográfica, questionário com perguntas abertas e fechadas, entrevistas semiestruturadas, caderno de campo e análise de atividades desenvolvidas com os alunos participantes e que envolviam os demais da mesma turma, uma vez que as atividades eram desenvolvidas em grupo.

As inquietações dos professores da escola regular diante da inclusão de alunos com deficiência

Quanto aos professores, embora demonstrem concordar com a implementação da inclusão na escola regular em suas falas, ainda se percebe a pouca familiaridade com a temática abordada, pois reconhecem a necessidade das políticas públicas voltadas para a igualdade e matrícula de todos na escola, mas consideram que a escola ainda que não esteja preparada. Um dos fatores que mais comprometem a inclusão efetiva é o excesso de alunos por sala de aula, o que impede um atendimento satisfatório e resulta em alto índice de indisciplina. Podemos então concluir

que muitas escolas ainda permanecem despreparadas para lidar com a inclusão. Como explicam Ferreira e Ferreira (2007, p. 37):

Temos ainda hoje uma escola regular que não sabe bem como ensinar seus alunos “tradicionais”. Assim, vivemos um momento na educação em que coexistem a incapacidade da escola para ensinar todos os seus alunos e a presença de fato de alunos com deficiência, que são estranhos para ela.

As colocações dos professores sobre indisciplina, alto número de alunos por sala de aula, falta de equipamentos/suporte e apoio especializado evidencia que o sistema nacional de ensino implementou a política de inclusão antes mesmo de preparar fisicamente e profissionalmente as instituições de ensino do nosso país. A escola, não estando preparada para receber essa nova clientela de alunos, acaba por criar ideias errôneas sobre a inclusão de alunos com deficiência, voltadas apenas para os aspectos sociais, deixando a escola de ser um lugar de constantes experiências de aprendizagem para tornar-se apenas espaço de socialização.

As possibilidades da arte no processo de inclusão dos alunos Público-Alvo da Educação Especial (PAEE) na escola regular

O ensino da Arte está diretamente ligado ao processo de criação e criatividade dos indivíduos. Sendo a Arte capaz de ser propulsora dos processos de imaginação e criação no âmbito escolar, podemos notar infinitas possibilidades de articular atividades voltadas para a equiparação e superação das dificuldades impostas pelas chamadas necessidades educacionais especiais ou não dos educandos no contexto da escola regular. Quando realizamos um trabalho artístico – visual, cênico, sonoro, ou ainda, a combinação de todas essas expressões artísticas – recorreremos à nossa imaginação, à nossa percepção, aliadas aos nossos repertórios culturais, sensíveis e cognitivos. Assim, é o modo como fazemos arte.

As contribuições que a Arte pode oferecer no ambiente escolar estão diretamente vinculadas ao exercício da experimentação, que visa colocar o educando em constante contato com as diferentes linguagens artísticas, estimulando-o na vivência do desenhar, representar, tocar, cantar, escrever, sem a exaustiva cobrança do “certo ou errado”. O importante nunca é o resultado final, mas sim, o percurso percorrido pelo aluno; dessa maneira, as práticas educativas do ensino da Arte propõem romper com as barreiras da exclusão em todos os níveis.

Durante nossa pesquisa, quando questionados sobre quais eram as atividades desenvolvidas com o objetivo de incluir os alunos com necessidades educacionais especiais na classe regular, muitos professores recorriam ao uso das linguagens artísticas, como podemos destacar nos trechos extraídos dos questionários:

Trabalhos manuais como: pintura, modelagem, vídeos educativos e filmes, visitas de estudo fora da escola, experimentações e músicas [construção de paródias] (relato de Geovana, professora de Ciências).

Atividades com músicas, recorte e colagem, trabalhos em grupos (relato de Rogério, professor de Matemática).

Embora os professores participantes não possuíssem formação específica no campo da Arte, pudemos perceber que todos utilizavam-se das mais diferentes linguagens artísticas para promover a inclusão e a aprendizagem de todos os alunos em sala regular, destacando o potencial diferenciado que a Arte pode apresentar dentro do espaço escolar, como afirma Buoro (2000, p. 24): “a Arte, então, aparece no mundo humano como forma de organização, como modo de transformar a experiência vivida em objeto de conhecimento que se desvela por meio de sentimentos, percepções e imaginação”.

Os relatos descreveram a importância do trabalho colaborativo entre as diferentes disciplinas e a de Arte como mecanismo básico e mais acessível para as práticas educativas que visam a inclusão de alunos que formam o público-alvo do atendimento educacional especial, superando

possíveis dificuldades encontradas pelos professores no seu cotidiano, reafirmando a ideia apresentada:

Pode-se pensar que o trabalho colaborativo entre professores apresenta potencial para enriquecer sua maneira de pensar, agir e resolver problemas, criando possibilidades de sucesso à difícil tarefa pedagógica (DAMIANI, 2008, p. 218).

O trabalho colaborativo entre Arte e as diferentes áreas do conhecimento como mecanismo de Inclusão Escolar

A inclusão é uma inovação. Inovar não tem necessariamente o sentido do inusitado. As grandes inovações estão, muitas vezes na concretização do óbvio, do simples, do que é possível fazer, mas que precisa ser desvelado, para que possa ser compreendido por todos e aceito sem outras resistências, senão aquelas que dão brilho e vigor ao debate das novidades (MANTOAN, 1998, p. 1).

A inclusão, de acordo com Mantoan (1998, p. 2), é simplesmente o exercício do princípio democrático que garante escola para todos e, para que esta ocorra de maneira satisfatória, faz-se necessário que a escola regular faça adequações das práticas pedagógicas à diversidade dos aprendizes. Cita como exemplo ainda:

A integração entre as áreas do conhecimento e a concepção transversal das novas propostas de organização curricular consideram as disciplinas acadêmicas como meios e não fins em si mesmas e partem do respeito à realidade do aluno, de suas experiências de vida cotidiana, para chegar à sistematização do saber.

E como a Arte pode ajudar no processo de inclusão escolar? A Arte é um elemento facilitador na socialização entre pares, sendo uma estratégia lúdica e criativa que ajuda os/as estudantes com desenvolvimento atípico a terem mais autoconfiança e engajamento social de uma forma significativa.

A improvisação, a espontaneidade e o potencial dos materiais oferecidos no ambiente fundamentam os conhecimentos sensoriais e perceptivos.

Dentro dessa perspectiva, podemos compreender que a Arte é uma forte aliada no processo da Educação Inclusiva, uma que vez que, ao trabalhar conteúdos artísticos (desenhar, pintar, cantar, dramatizar), desenvolvemos potencialidades como a percepção, observação, imaginação e sensibilidade, que contribuem significativamente na apreensão dos conteúdos das demais disciplinas.

Uma experiência que tem demonstrado resultados: Arte e Ciências

Essa parceria nasceu da divergência de opiniões entre as duas professoras, durante um Conselho de Classe, referentes ao desenvolvimento de alunos com deficiência, inseridos na escola regular.

Faremos análise sobre as impressões que as professoras tinham sobre a aluna Fátima (com deficiência intelectual e mais tarde compreendida também como dotada de altas habilidades em Arte). Vejamos nas suas falas do início do projeto:

A Fátima é genial. Domina como ninguém as atividades de Arte. É um Picasso. Seus trabalhos são expressivos e demonstram clareza de detalhes, formas e cores. E quando vamos ler uma imagem ela é sempre a primeira que quer falar e fala com propriedade da poética apresentada na obra (relato de Cristina, professora de Arte).

O que é isso? Você sabe que ela não lê nada. É uma aluna copista. Nas minhas provas ela só copia nos espaços destinados para as respostas palavras soltas do enunciando (relato de Geovana, professora de Ciências).

Como podemos concluir o impasse estava criado. Como ser genial e ao mesmo tempo um fracasso?

O assunto não parou por aí. Intrigadas com as divergências, queríamos provar uma para a outra quem estava com a razão a respeito da aluna. Em nosso horário de planejamento mostrávamos uma para outra o lado genial e [o lado] fracassado da aluna, tentando [fazer] prevalecer uma das opiniões. Com o passar de uns dois meses, aceitei o lado tão genial de que a Cristina falava e resolvi arriscar e a convidei para desenvolver comigo alguma atividade que relacionasse as duas disciplinas para ver se a Fátima iria entender alguma coisa de ciências (relato de Geovana, professora de Ciências).

As duas professoras, embora não soubessem, estavam começando a trilhar os caminhos da Educação Inclusiva, buscando maneiras de aperfeiçoar seus métodos e abrindo oportunidade para que Fátima pudesse desenvolver toda a sua capacidade de aprendizagem, valorizando suas reais potencialidades (GARDNER, 1995).

Para Gardner não bastavam as críticas, ele acreditava que deveriam ser abandonados os testes e suas correlações e partir para observar as fontes de informações mais naturalistas a respeito de como as pessoas, no mundo todo, desenvolvem capacidades importantes para seu modo de vida (TRAVASSOS, 2001, p. 2).

Para as professoras, portanto, Fátima tinha capacidade cognitiva para aprender e ressignificar os conteúdos estabelecidos durante as aulas de Arte, então, nada mais coeso do que explorarem suas habilidades artísticas na apreensão dos conteúdos das demais áreas de conhecimento. Daí, nasceu o projeto Confluências entre a Arte e a Ciência, que buscava demonstrar que a produção do conhecimento é uma construção coletiva e perpassa todas as disciplinas estruturadas no currículo escolar.

Nascida a ideia do trabalho colaborativo, as professoras buscaram compreender o que cada uma trabalhava naquele momento com as turmas de 6º e 7º anos, para construírem o material que seria trabalhado. Vejamos algumas das atividades desenvolvidas no decorrer do projeto:

Atividade 1: Arte – Ciências – Insetos

<p>Arte – Ciências – Insetos</p> <p>Caixa de baratas, 1967 acrílico, baratas e espelho 35 x 27,5 x 7,5 cm Coleção da artista Fonte: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14846/caixa-de-baratas</p> <p>Grupo: João, Suzana, Guilherme, Clara e Augusto. 6ª A</p> <p>Fonte: Wikipédia, livro de Ciências e caderno de Arte.</p>	<p>Lygia Pape (1929 – 2004)</p> <p>Artista carioca. Trabalhou com pintura, escultura, gravura, objetos e multimídia. Sua obra <i>Caixa de baratas</i> chama a atenção por evocar a sensação de nojo, já que a barata é feia e esquisita. Isso não parece arte.</p> <p>Análise científica: Barata é um inseto que transmite tantas doenças. A barata é um inseto que existe em todo mundo, foram encontrados fósseis de barata com quase 400 milhões de anos. Sua reprodução é sexuada, coloca ovos. Com tamanho entre 3mm até 10 cm. Sua alimentação se constitui de material animal e vegetal morto; pode ficar até 1 mês sem comida ou água.</p> <p>Análise artística: Foram usadas 28 baratas, divididas em quatro fileiras com sete baratas cada. Material: barata, espelho e acrílico. Sua composição é retangular. Apenas um elemento é repetido várias vezes, a barata. A obra é toda simétrica.</p> <p>Análise do grupo: Essa obra quer mostrar nojo sobre algum fato vivido pela artista. Pois barata lembra sempre coisas nojentas, ninguém gosta disso.</p>
--	---

Atividades desenvolvidas pelos alunos participantes da pesquisa – no grupo constam alunos com deficiência intelectual e altas habilidades e os ditos “normais”.

Atividade 2: expedição científica pelo bairro e artistas viajantes



Fotos tiradas durante a expedição pelo bairro

- Pesquisa sobre a biografia de Darwin e de artistas viajantes como Debret e outros.
- Expedição artística e científica pelo bairro onde está localizada a escola, com coleta de exemplares da fauna e flora.
- Construção do álbum sobre a flora e desenhos abstratos com as formas das folhas (classificação das folhas quanto à forma).
- Confecção de mostuário de insetos e pequenos animais da localidade e releitura de obras artística com a temática “insetos e bichos”.
- Confecção de origamis sobre insetos.
- Fotografias sobre as belezas e os encantos do bairro e releituras das fotografias com a técnica do desenho com carvão.
- Produção de textos coletivos sobre cada etapa trabalhada.



Desenho com carvão das fotos da expedição

- Pesquisar quem foi Charles Darwin e sua contribuição para a ciência.
- Compreender as etapas do método científico.
- Constituir uma expedição científica pelo bairro para coletas de materiais para a reatuação do ambiente.
- Compreender as relações entre a arte e a ciência.
- Conhecer o trabalho dos artistas viajantes e suas contribuições para o estudo da ciência, cultura e história das civilizações.
- Aprimorar a leitura e escrita de textos artísticos e científicos.
- Desenvolver habilidades de trabalho em grupo.



Mostuário de insetos

Atividade 3: corpo humano na arte e na ciência

	
<ul style="list-style-type: none">• Desenhos da figura humana estilizados: homem-palito e desenho de observação.• Desenhos da etapa de desenvolvimento fetal, infantil, juvenil, adulto e idoso (masculino e feminino).• Desenho dos sistemas que compõem o corpo humano.• Técnica do pontilhismo.	<ul style="list-style-type: none">• O estudo dos sistemas do corpo humano.• As representações artísticas da figura humana ao longo da história da arte.• O estudo das fases da vida do homem.

Atividade 4: cor e textura da arte à ciência

- Estudo das células e classificação.
- Técnicas de entalhe, relevo (baixo e alto relevo).
- Confeção de maquetes de células com massa de modelar.
- Criação de catálogo com o uso de objetos pela arte.
- Confeção de pequenas esculturas abstratas com reutilização de materiais reciclados (embalagens diversas).
- Conhecer e classificar a célula e suas partes e funções.
- Analisar obras e períodos da Arte Abstrata.
- Apropriação de objetos pela Arte.
- Estudo do conceito de ready-made, criado por Marcel Duchamp e como hoje funciona.
- Relações entre Arte e Meio Ambiente.
- Analisar obras de artistas que reutilizam materiais “sucatas” como: Frans Krajcberg e Vick Muniz.
- Aprimorar a leitura e escrita de textos artísticos e científicos.
- Desenvolver habilidades de trabalho em grupo.



Nos perguntamos: qual seria a impressão dos alunos PAEE sobre essa atividade desenvolvida dentro da proposta de trabalho colaborativo entre Arte e Ciências? Vejamos:

Para mim foi bom. Esse trabalho não era apenas de uma matéria. A gente aprende por duas e fica legal. As repostas não são certas ou erradas, são frutos da pesquisa de todos. Todo mundo fala e no final a gente escreve o que é importante para todos. Nunca pensei que apenas uma imagem pudesse ensinar coisas de ciências, história, matemática, assim de todas as matérias (relato do aluno Moisés, altas habilidades).

Amo desenhar e com este projeto percebi que meus desenhos são realmente importantes. Um artista fala através de suas pinturas. E eu falo através dos meus desenhos. Gostei quando a escola me encaminhou pro Cedet, lá estou aprendendo muitas coisas sobre desenho e artes. Quero estudar artes sempre (relato da aluna Fátima).

Percebemos pelas falas dos alunos que as atividades correlacionadas entre as duas disciplinas possibilitaram um processo de aprendizagem significativos. Reafirmando as ideias apresentadas pelas pesquisadoras sobre o ensino da arte:

Por não haver regras fixas no modo de produção da arte, o artista desvenda infinitas combinatórias num certo jogo com a linguagem. Articulando os elementos que já fazem parte de seu repertório pessoal de uso do código às novas descobertas da sua pesquisa, o artista produz sua própria linguagem, na própria linguagem da arte (MARTINS; PICCOSQUE; GUERRA, 1998, p. 45).

Ressaltamos a proposta aqui apresentada de trabalho colaborativo entre Arte e as Ciências, bem como as demais áreas de conhecimento, como uma fonte simples e de fácil acesso para práticas pedagógicas voltadas para uma escola onde a Educação Inclusiva aconteça efetivamente

através do material mais rico disponível em todas as unidades educacionais: o ser humano em toda sua diversidade de pensamento e ações.

Comentários conclusivos

O estudo revelou que os professores desenvolvem trabalhos com Arte no cotidiano de suas salas de aula e a consideram importante no contexto de suas práticas pedagógicas inclusivas. Os professores fazem uso da Arte, principalmente, como recurso didático para o ensino de conteúdos de sua área de conhecimento, como método de fixação, no processo de aprendizagem de alunos com algum tipo de deficiência. Portanto, concluímos que a Arte se faz presente em vários momentos voltados para a aprendizagem de todos os alunos. Decorre disso a necessidade de se respeitar a Arte como área de conhecimento com saberes específicos e que podem e devem incorporar, na escola, práticas pedagógicas colaborativas voltadas para a superação de barreiras e limites que impedem os processos da Educação Inclusiva.

Referências

- BUORO, Anamélia Bueno. *O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- CRUZ, Gilmar de Carvalho; GLATT, Rosana. Educação inclusiva: desafio, descuido e responsabilidade. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 52, p. 257-273, 2014.
- DAMIANI, Magda Floriana. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 31, p. 213-230, 2008.
- DAS ROS, Silvia Zanatta. Política Nacional de Educação Especial. *Simpósio Político Nacional de Educação Especial*. Palestra ministrada em agosto de 1988.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *Fundamentos Estéticos da Educação*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1988.

FUSARI, Maria F. Rezende; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção Magistério 2º grau, Série Formação Geral).

GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas: a Teoria na Prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GLAT, Rosana (org.). *Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

KISHIMOTO, Tizuko M. (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Todas as crianças são bem-vindas à escola*. Universidade Estadual de Campinas / Unicamp. Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Reabilitação de Pessoas com Deficiência – LEPED/ FE / Unicamp. Disponível em: <http://www.pro-inclusao.org.br/textos.html>. Acesso em: 22 fev. 2011.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. *Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.

SILVA, Daniele N. H; RIBEIRO, Julia C. C.; MIETO, Gabriela. O aluno com deficiência intelectual na sala de aula: considerações da perspectiva histórico-cultural. In: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. *Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

VIRGOLIM, Angela. O aluno com altas habilidades na escola. In: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. *Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

Sobre os autores



Asdrúbal Borges Formiga Sobrinho – Professor do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento da Universidade de Brasília (UnB), lidera o grupo de pesquisa Criatividade, Comunicação e Propósito. Pesquisa a interdependência entre processos de criação e comunicação nos contextos educacional e profissional.

Celeste Azulay Kelman – Professora associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ. É fundadora e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Surdez GEPeSS do DGP/CNPq.

Débora Machado – Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Pedagoga e especialista em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar (UnB). Pesquisadora em ensino-aprendizagem, acessibilidade, EaD e tecnologia assistiva para pessoas com deficiência visual. Adaptadora e transcritora de textos em Braille e de materiais para pessoas com deficiência visual.

Christiane Torloni Torres – Professora de Arte da rede municipal de Vitória-ES. Integrante do grupo de Referência das Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Municipal de Educação de Vitória. Especialista em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar (UnB). Estuda as contribuições do ensino da Arte nos processos de inclusão, gênero, sexualidade e relações étnico-raciais no espaço escolar.

Cristiane Pacheco – Professora de Artes da Prefeitura Municipal de Vitória-ES. Dedicar-se à gestão de um centro municipal de Educação Infantil.

Edileusa Borges Porto-Oliveira – Pedagoga e psicopedagoga, mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar (PPGDE) do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (PED) do Instituto de Psicologia (IP) da UnB. Bolsista Capes, desenvolve pesquisa em criatividade com foco nos processos de comunicação entre gestores e professores em contexto de formação continuada docente. Faz parte do grupo de pesquisa Criatividade, Comunicação e Propósito.

Eloisa de Fátima Cunha – Atriz, gestora cultural e arte-educadora, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar (PGPDE) da UnB. Desenvolve pesquisa em criatividade com foco nos processos pedagógicos lúdico-teatrais em contextos escolares da Educação Básica. Faz parte do grupo de pesquisa Criatividade, Comunicação e Propósito.

Emilene Coco dos Santos – Graduada em Educação Física, mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT) do Instituto Federal do Espírito Santo. Pesquisadora da Ufes. Temas de estudo: Trans-torno do Espectro Autista, Educação Inclusiva e Práticas Pedagógicas.

Fabiana da Silva – Pedagoga, especialista em Educação Especial e Inclusiva. Atuou no projeto Mãos na terra da Apae/Barretos. Docente em Educação Especial – sala de recursos. Pesquisa educação hospitalar, educação infantil, autismo, deficiência intelectual, escolarização e currículo funcional das pessoas com deficiência.

Fabiola Souza de Ribeiro – Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), dedica-se à coordenação de escolas inclusivas. Doutora em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde (IP/UnB) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Pensamento e Cultura (GPPCult), desenvolve estudos sobre emoção e o seu papel no desenvolvimento humano e na compensação na deficiência intelectual.

Gabriela Sousa de Melo Mietto – Psicóloga, professora do PED/IP e do Programa de Pós-Graduação Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde da UnB. Pesquisadora do Laboratório Ágora Psyché (IP/UnB) e dos Grupos de Pesquisa Pensamento e Cultura (GPPCult); e Desarrollo Temprano y Educación (UAM, Espanha). Estuda o desenvolvimento da criança pequena e processos de inclusão.

Geane de Jesus Silva – Professora da SEEDF, doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde (IP/UnB), especialista em Psicopedagogia clínica e institucional (Universo/RJ), especialista em Educação continuada e a distância pela Faculdade de Educação (FE) da UnB/UAB.

Ingrid Brandão Lapa – Professora hospitalar na Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação, recentemente aposentada. Estuda reabilitação cognitiva, comunicação alternativa, tecnologia assistiva, lesão cerebral, paralisia cerebral, doenças neurodegenerativas, educação inclusiva.

Kathelem de Oliveira dos Santos França – Professora da SEEDF e pedagoga no Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem (SEAA). Estuda a Educação Infantil, Educação Especial e suas diferentes atuações e intervenções precoces junto a crianças com indicadores de risco para o desenvolvimento infantil.

Lucia Maria de Assis – Professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde é coordenadora do projeto de pesquisa Lelia (Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Autismo). Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), mestre pela Universidade de Taubaté e graduada em Pedagogia e em Letras pela Fundação Educacional Rosemar Pimentel.

Maria do Amparo de Sousa – Graduada em Letras, mestre e doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília. Professora aposentada da SEEDF. Membro do Projeto Educação e Psicologia: mediações possíveis em tempo de inclusão, da Faculdade UnB Planaltina.

Marcélia Fiedler Bremer Souza – Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Caratinga (Unec). Especialista em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar pela Universidade de Brasília. Professora do Ensino Fundamental I da Prefeitura de Ipatinga e da sala de recursos da rede municipal de Coronel Fabriciano. Especialista da Educação Básica do Estado de Minas Gerais, do 1º ao 9º ano.

Neulabihan Mesquita e Silva Montenegro – Especialista em Psicoterapia Cognitivo-Comportamental pelo Centro de Psicoterapia Cognitivo-Comportamental (WP/FACCAT), Especialista em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar pela Universidade de Brasília (UnB), psicóloga da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal (SES/DF).

Juliana Eugênia Caixeta – Graduada nas habilitações bacharel e psicólogo pela Universidade de Brasília. Mestre e doutora em Psicologia do Desenvolvimento Humano pela Universidade de Brasília. Professora da Universidade de Brasília, *campus* Planaltina. Coordenadora do Projeto Educação e Psicologia: mediações possíveis em tempo de inclusão.

Patrícia Campos-Ramos – Psicóloga clínica, doutora em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde (PGPDE/IP/UnB). Professora em cursos de Educação Especial e Inclusiva (UAB/UnB; UAB/UFABC). Pesquisadora de temas relacionados ao desenvolvimento e à educação, especialmente as transições escolares, a participação da criança e da família, as inter-relações família-escola; e a inclusão.

Priscila Pires Alves – Professora associada da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora em Psicologia Social (UERJ), mestre em Psicologia Social e da Personalidade (UFRJ), psicóloga (UFRJ) e líder do Grupo de Pesquisa Narrativas Emancipatórias (Narrem).

Raimunda Maria de Oliveira – Professora de Sala de Recursos Generalista da SEEDF, especialista em Educação Matemática, Educação Inclusiva e Desenvolvimento Humano (UnB). Atualmente participa do Grupo de Escrita Criativa Autoral (Gecria) da UnB e cursa Pedagogia Sistêmica.

Raquel Santana – Professora da SEEDF. Coordena atividades de gestão das ações de formação continuada da Gerência de Pesquisa e Formação Continuada para Modalidades da Educação Básica, na Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais de Educação. Estuda os processos de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes na perspectiva inclusiva.

Rossana Beraldo – Tem pós-doutorado pelo PGPDS-UnB, com duplo doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano (UnB) e em Psicologia pela Università Degli Studi di Parma, Itália. Membro do Grupo de Pesquisa Pensamento e Cultura (GPPCult). Estuda a produção de significados na intersubjetividade e processos de convencionalização em práticas de ensino-aprendizagem em contextos digitais e analógicos.

Silviane Barbato – Professora associada do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (PED) do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de Brasília. Coordena o Laboratório de Pesquisa e Inovação Ágora-Psyché, responsável por plano de trabalho no Capes PrInt/UnB. É líder do Grupo de Pesquisa Pensamento e Cultura (GPPCult). Estuda convencionalização e dinâmicas dialógicas, e interpretações de si em processos de transição.

Suellen Cristina Rodrigues Kotz – Psicóloga clínica e escolar, licenciada em Pedagogia, mestranda do PGPDE do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (PED) da UnB. Especialista em psico-oncologia. Desenvolve pesquisa em Criatividade e Adolescência como bolsista do CNPq. Participa do grupo de pesquisa em Criatividade, Comunicação e Propósito.

Tainá Mani Almeida – Psicóloga (UFF) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde da UnB. É pesquisadora do Adaca e dos Grupos de Pesquisa Lelia; Dialogia, Interação e Vínculo no Trabalho com a Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (UFF); e do Narrem.

Tânia de Sousa Lima – Pedagoga da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem (EEAA) da SEEDF, onde colabora com a inclusão escolar de alunos Público-Alvo da Educação Especial (PAEE), em salas regulares. É pedagoga e especialista em Desenvolvimento humano, Educação e Inclusão escolar pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Políticas Públicas em Saúde pela Fiocruz Brasília e, atualmente, doutoranda.

Viviane Flávia Cardoso – Professora dinamizadora de Educação Física na Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), Espírito Santo. Especialista em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar pela UnB, mestre em Biotecnologia com ênfase em robótica (tecnologia assistiva) e nanotecnologia pela Ufes e doutoranda em Biotecnologia pela Ufes.

Como podemos desenvolver as práticas inclusivas? Os processos inclusivos são concretizados em escolhas cotidianas orientadas ao conhecimento mútuo e ao acolhimento, ao cuidado de si e entre pessoas com histórias diferentes. Refletir sobre os processos de desenvolvimento e aprendizagem das pessoas com necessidades especiais fortalece a geração de novas formas de ensinar, aprender e atuar. Nessa perspectiva, as organizadoras e os autores desta coletânea exploram a história, as políticas públicas, os serviços e o ensinar e aprender em constante inovação, a partir da problematização do cotidiano dos fazeres inclusivos.

Esta obra é direcionada a estudantes, pesquisadores, educadores e outros profissionais de áreas afins e foi escrita em colaboração entre colegas de universidades e sistemas educacionais do Brasil, da Argentina e do Chile, psicólogos e professores das redes federal, distrital e municipais de ensino, membros de diferentes grupos de pesquisa e grupos de trabalho da ANPEPP que pesquisam e atuam inclusivamente. Recebeu apoio da UAB/Capes/MEC e da UAB/UnB.

EDITORA



UnB

